

Apoio para vencer o preconceito

Se o diagnóstico do transtorno bipolar em qualquer fase da vida já é algo difícil, na infância, torna-se um desafio ainda maior. “Quanto mais precoce o quadro, mais complicado é o diagnóstico”, garante o psiquiatra Leonardo Sodré, professor da UnB. Isso ocorre porque os sintomas que começam a aparecer na primeira fase da vida podem ser incertos e difíceis de categorizar. O psiquiatra cita como exemplo alguém que apresenta comportamentos como irritabilidade ou que lida de forma grandiosa com situações cotidianas. Ela pode ser interpretada como uma criança respondona, levada e não que têm um transtorno. O grande perigo é que seja prescrito um tratamento que agrave a doença e leve a crises precoces.

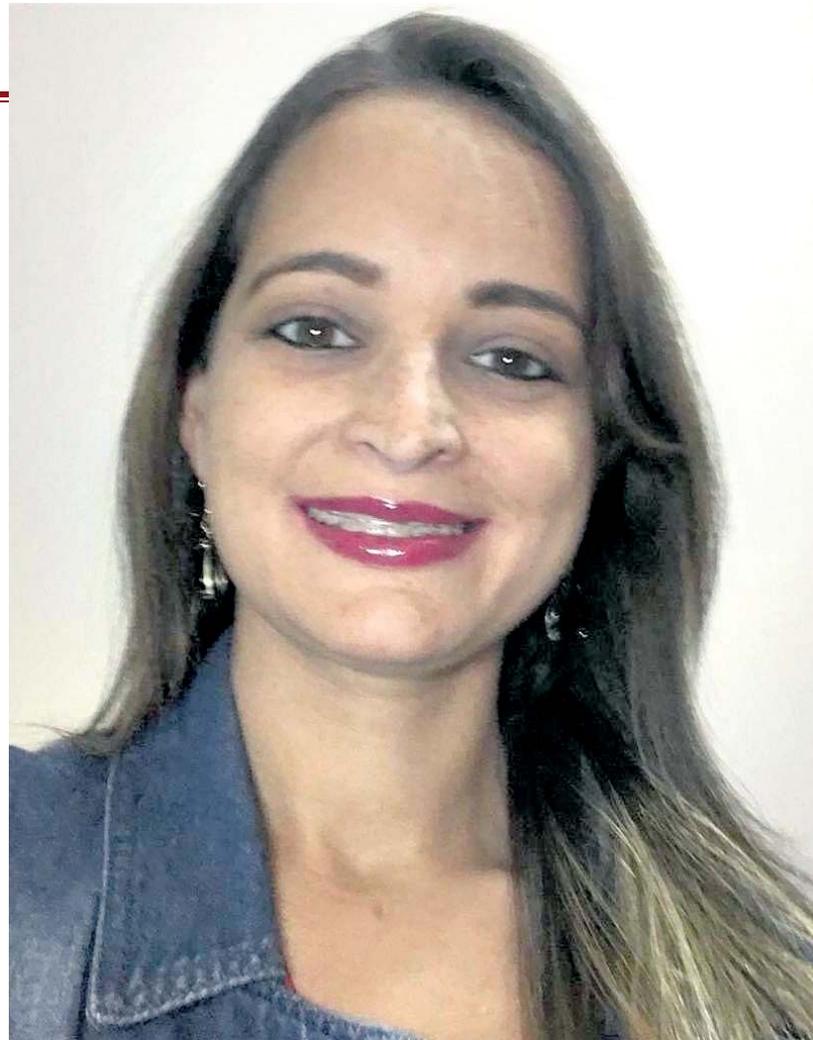
Por isso, o papel da família é essencial para acompanhar os sinais desde o início. “A gente tem que poder primeiro trabalhar o estigma da doença mental”, pontua Sodré. Ele alerta que é urgente acabar com o pensamento de que as pessoas que estão com algum sofrimento psíquico devem passar pelo processo sozinhas. “Isso atrapalha muito no tratamento”, adverte. A família e os amigos devem ser uma rede de apoio presente e atenta, que compreenda a pessoa além das crises, para que a recuperação e o tratamento sejam o mais tranquilo possível.

A importância do apoio é reforçada pela engenheira civil Viviane Vaz, 41 anos, diagnosticada com o transtorno bipolar aos 20. Ela teve a primeira crise no período

em que cursava a primeira graduação na UnB e precisou passar por uma internação e acompanhamentos psicológico e psiquiátrico. Alguns medicamentos tinham efeitos colaterais e demandavam adaptação, por isso, não conseguia manter o mesmo ritmo por um tempo. Dos parentes, sempre recebeu muito amor e compreensão, que ela descreve como essenciais. “Nos momentos difíceis, você não dá conta sozinho. Às vezes, eu não queria nem viver, fazer o básico. O suporte da minha família foi crucial”.

Viviane conta que nas últimas duas décadas, desde o diagnóstico, conheceu muita gente que também tem o transtorno e percebe que “quanto maior o apoio da família do portador, mais rápido ele se recupera e menos recaídas tem”. Além dos parentes próximos, como os pais e a irmã gêmea, a engenheira teve apoio de amigos e da melhor amiga, Zuleide, que nunca se afastou. Na direção oposta, relata ter ouvido comentários desmotivadores quando estava na faculdade.

No caso dos colegas, chegou a ouvir comentários que minimizavam e julgavam sua condição, eles não compreendiam que havia momentos em que não estava bem. Da parte dos professores, muitos não acreditavam que ela poderia se formar. Viviane conta que, em uma situação específica, chegou a contar para um professor que não tinha condições de fazer a prova do dia, pois a medicação a estava deixando “grogue”



Viviane Vaz, engenheira civil, que tem o transtorno bipolar e escreveu um livro sobre o tema

pela manhã. Quando questionada sobre o motivo do remédio, esclareceu que se tratava de transtorno bipolar, e o docente afirmou que ela não estava apta para fazer o curso de engenharia e recomendou que “fizesse pedagogia ou uma universidade particular”.

Mesmo com o descrédito, ela não abandonou o curso. “Eu demorei oito anos, mas me formei, porque eu nunca desisti”, lembra Viviane, que chegou a realizar quatro trancamentos gerais na faculdade por motivos de saúde. Seis anos após o diagnóstico, atingiu a estabilidade, fazendo terapia, seguindo todas as recomendações médicas e com um estilo de vida equilibrado, incluindo o sono em dia. Mas ela faz um alerta: “Quando a gente fica estável, não significa que não vai mais ter crises, mas que as nossas oscilações não estão mais no extremo. Não é uma linha de esta-



bilidade, é como se fosse uma faixa de estabilidade”, descreve.

Conhecimento

Desde o Orkut, Viviane tem contato com outras pessoas com o transtorno bipolar, compartilhando a experiência e se educando sobre o assunto. Desde o início das mani-